

ENTRE A RELEITURA E A CONVERSA: A ARQUITETURA AFETIVA DE *ORGULHO E PRECONCEITO*

Marcela Santos BRIGIDA*

■ **RESUMO:** Este artigo examina a “arquitetura afetiva” de *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, articulando como a formação do vínculo entre Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy se constrói por meio da circulação de afetos, da releitura e do reconhecimento mútuo. A partir de teorias do afeto, discute-se como primeiras impressões, emoções comunitárias e julgamentos compartilhados estruturam a economia emocional do romance e moldam a percepção de Elizabeth. A leitura da carta de Darcy marca um ponto de inflexão: ao ser “mortificada”, Elizabeth passa de leitora passiva das opiniões da comunidade a intérprete autônoma de caracteres e situações. O artigo também explora, com Susan J. Wolfson e Rita Felski, a centralidade estética da releitura, demonstrando como Austen encena, na dinâmica entre seus protagonistas, o próprio gesto interpretativo que exige de seu leitor. O reconhecimento, tanto entre personagens quanto entre leitor e texto, emerge como prática transformadora capaz de reconfigurar visões de mundo. Por fim, argumenta-se que o romance articula uma imaginação reformista sutil, na qual afetos e conversas deslocam hierarquias, abrindo espaço para relações que conciliam desejo, responsabilidade e reformulação das estruturas sociais.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Jane Austen. Affect Theory. *Orgulho e Preconceito*. Reconhecimento.

Introdução

Em “Community and Cognition in *Pride and Prejudice*” (1997), William Deresiewicz propõe que a célebre frase de abertura de *Orgulho e Preconceito* constitui um falso aforismo que expressa diversas opiniões fixas da vizinhança de Meryton. Assim, a comunidade se impõe como ponto de partida afetivo do romance. Destacando que Elizabeth Bennet somente é estabelecida como protagonista de fato no sexto capítulo, Deresiewicz sugere que é a partir das dinâmicas da comunidade

* Professora de Literatura Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). marcela.brigida@uerj.br

que a narrativa da personagem é produzida. Mapeando as diferentes instâncias em que as primeiras impressões de Elizabeth a respeito de Darcy circulam entre diferentes grupos dentro da comunidade, o pesquisador sinaliza que o desconforto e a sentença negativa aplicada ao proprietário de Pemberley é externa a Elizabeth na mesma medida em que a impressão positiva a respeito de Wickham é promulgada pelo coletivo e apenas acatada e tomada como verdade por ela. Assim, embora Elizabeth seja apresentada ao leitor como um indivíduo pouco convencional, munido de opiniões próprias e comportamentos que contrariam expectativas, ela permanece “um membro típico de sua comunidade” até ser deslocada de opiniões arraigadas comunicadas pela consciência coletiva. Repete, ainda, ao julgar Wickham pela aparência, “a insensatez da protagonista ingênua do romance do século XVIII”¹ (Duckworth, 2020, p. 121).

As rupturas que desencadeiam o processo de *Bildung* de Elizabeth se dão a partir de deslocamentos físicos – as viagens a Kent e a Derbyshire – mas também mentais. Esses ocorrem por meio da conversa com pessoas externas à comunidade – Darcy, Capitão Fitzwilliam – e com ex-membros desta – Charlotte Lucas. Assim, tendo aceitado o julgamento que classifica Darcy como orgulhoso, o amadurecimento de Elizabeth será marcado pela sua libertação dos modos de pensar da comunidade de Longbourn/Meryton. Para Alistair Duckworth (2020), “em um mundo tão individualista — quase *shandiano* — o sentido corre o risco de tornar-se uma função do desejo privado. [...] Somente quando o interesse próprio encontra o interesse próprio, ao que parece, é que a comunicação — de fato, a conversa — se torna possível” (Duckworth, 2020, p. 117). Assim, podemos sugerir que o ruído na comunicação entre Elizabeth e Darcy é resultado de uma negociação individualista que se dá no espaço público: vaidades feridas são avaliadas e apreciadas pelo coletivo.

Originalmente intitulado *First Impressions, Orgulho e Preconceito* retoma temas explorados por Jane Austen em sua Juvenília e em seu romance de estreia, *Razão e sensibilidade* (1811). Marilyn Butler destaca em sua leitura o que identifica como o “tema conservador comum da época” (Butler, 1987, p. 194): a proposta de que uma segunda conexão romântica é “mais confiável do que a primeira” (1987, p. 194). Ela ilustra o argumento a partir de personagens como Marianne Dashwood, o coronel Brandon, Edward Ferrars, o falecido Sr. Dashwood e até mesmo Lucy Steele. Em *Orgulho e Preconceito*, o encantamento de Elizabeth por Wickham se extingue sem consequências para a personagem somente por meio da interferência da presença de Darcy, que afasta o colega de infância em momentos-chave como o baile de Netherfield, assim como pelos próprios modos interesseiros do oficial da milícia, que interrompe suas atenções a Elizabeth quando uma pretendente

¹ Todas as traduções do inglês são minhas, com a exceção das citações de *Orgulho e Preconceito*, que são de Carol Chiovatto.

mais rica se apresenta. É reiterado, portanto, o perigo da confiança excessiva nas aparências neste romance. Entre a superfície afável de Wickham e a rigidez taciturna de Darcy, Elizabeth deverá se educar na arte da leitura de performances sociais. Neste artigo, mapearemos o que entendemos como a arquitetura afetiva de *Orgulho e Preconceito* a partir de uma leitura da construção textual da relação entre Elizabeth e Darcy, considerando, a partir de um diálogo com a *affect theory*, como o vínculo é construído a partir de práticas de leitura compartilhadas pela protagonista e pelo leitor de Jane Austen.

A circulação de afetos em *Orgulho e Preconceito*

Em *The Cultural Politics of Emotion* (2004), Sarah Ahmed propõe que entendamos emoções não como “estados psicológicos, mas como práticas sociais e culturais” (Ahmed, 2004, p. 9). A antipatia que Elizabeth cultiva por Darcy ao longo do primeiro volume de *Orgulho e Preconceito* é estabelecida, cultivada e enraizada a partir da circulação na comunidade de Meryton de impressões acerca do caráter e do comportamento do proprietário de Pemberley que são negociadas coletivamente. Põe-se em efeito na narrativa uma economia afetiva em que “sentimentos não residem em sujeitos ou objetos, mas são produzidas como efeitos da circulação” (Ahmed, 2004, p. 8). Logo, a primeira impressão de Elizabeth acerca de Darcy recebe respaldo e se expande em dimensão até se consolidar como um sentimento de mácula ao orgulho pessoal ao ser refletida nas leituras negativas que seus pares – familiares, amigos e vizinhos – fazem da situação. Ainda que advindo de uma vaidade pessoal, o desconforto em relação a Darcy é assumido pela comunidade como uma descortesia ao meio social: ao desprezar Elizabeth, uma jovem bela e bem-quista em Meryton, Darcy faz pouco e fere o orgulho coletivo. A socialidade da emoção produz uma ruptura *a priori* que produz uma barreira para as tentativas posteriores de conexão que Darcy empreende em relação à mulher que se torna objeto do seu afeto.

Em um retorno a David Hume (1964, p. 75), Ahmed produz um breve estudo do conceito de “impressão”, palavra-chave para a compreensão da circulação de afetos em *Orgulho e Preconceito*. Aqui, a formação da impressão “envolve atos de percepção e cognição, assim como de emoção” (Ahmed, 2004, p. 6). Elizabeth percebe a descortesia de Darcy em relação a si ao entre ouvir uma conversa dele com Bingley. Ela registra intelectualmente o comentário acerca de sua beleza – ou da insuficiência dela – como rejeição. A rejeição e o comportamento pouco cortês geram uma resposta emocional de desconforto que Elizabeth relativiza a partir do bom humor. Como alguém que “delighted in anything ridiculous” (Austen, 1894, p. 17)², ela logo se põe a serviço do entretenimento da comunidade ao circular

² “capaz de se divertir com qualquer absurdo.” (Austen, 2022, p. 28). Tradução minha. Manteve-se o

a informação. Recebe, então, respaldo para a sua antipatia: Darcy é declarado orgulhoso e desagradável, perdendo o estatuto de pretendente desejável.

Ahmed aduz que uma impressão pode ser produzida a partir de entendimentos diversos: como um efeito nos sentimentos, uma crença, uma imitação ou imagem ou, por fim, uma marca em uma superfície (Ahmed, 2004, p. 6). Estes significados e processos são de fato conectados pelo elemento físico da impressão: “como objetos imprimem sobre nós” (Ahmed, 2006, p. 6). O estudo sobre primeiras impressões que Austen empreende toma como ponto de partida o baile de Meryton, ao longo do qual os forasteiros recém-chegados à comunidade imprimem sobre esta simpatia, no caso de Bingley, e antipatia, no caso de Caroline, sra. Hurst e Darcy. Embora não sejam aceitas sem reservas por todos os membros da comunidade – Jane recusa-se a pensar mal dos companheiros de Bingley – tais impressões só serão desatadas no meio social a partir de uma leitura parcimoniosa do caráter dos envolvidos. Se as irmãs de Charles reimprimem suas piores versões a cada nova interação, Darcy revela um caráter mais complexo do que sua descortesia sugere à primeira vista. Ainda assim, é somente no final do segundo volume que as marcas da impressão negativa registrada por Elizabeth serão relativizadas e, por fim, reinscritas por ela no meio social.

A releitura como questão estética

Para Susan J. Wolfson (2009), um dos grandes temas e questões estéticas de *Orgulho e Preconceito* é a releitura. Um romance que negocia com o mercado editorial e com o mercado de casamentos em termos igualmente ambivalentes, a segunda obra publicada por Jane Austen tematiza, em primeira instância, a leitura. A visita de Elizabeth à irmã convalescente em Netherfield Park destaca a afinidade do casal protagonista a partir do elogio de Darcy a mulheres leitoras. Em uma conversa tornada tensa pela hostilidade pouco contida de Caroline Bingley, o senhor de Pemberley destaca como talento necessário para uma dama o aperfeiçoamento de sua mente “com extensiva leitura” (Austen, 2022, p. 66). O comentário de Darcy situa Elizabeth como uma parceira desejável, mas também destaca os comentários bajuladores de Caroline como indícios de sua inadequação na interação social e no mercado de casamentos. Para Wolfson, Austen responde ao mercado editorial e a discursos sobre talentos femininos veiculados em manuais de conduta ao alinhar Elizabeth Bennet e Darcy enquanto leitores racionais:

Elizabeth não se preocupa particularmente com esta questão ou com as modas, fitas e gorros que as acompanham. Ela caminha três milhas atravessando campos

texto em inglês no corpo do trabalho devido a relevância da ridicularização da postura de Darcy para o argumento.

poeirentos, salta sobre poças, horroriza as irmãs de Bingley com sua anágua lamacenta e sua tez avermelhada; seus olhos brilhantes pelo exercício. Ela ficará com sardas e bronzeadas por causa das viagens ao ar livre com os Gardiner, e uma caminhada de vários quilômetros com Darcy irá selar o noivado. Austen compara essa aberração de “realizações” femininas com o caráter de Elizabeth como leitora. Se os racionalistas iluministas se preocupavam com os romances, a romancista Austen redime esse prazer como uma busca racional em *Orgulho e Preconceito* (embora ela o satirize em outros lugares), guardando seu chicote para senhoritas “talentosas” como a srta. Bingley, para quem um livro não é mais do que um adereço de autopromoção (Wolfson, 2009, p. 114).

O romance também se estrutura a partir de um convite à releitura. Se em *Orgulho e Preconceito* “o ditado ‘as primeiras impressões são impressões duradouras’ se prova mais um teste do que uma verdade” (Wolfson, 2009, p. 113), Wolfson destaca que não são apenas o caráter e a personalidade de pretendentes que Elizabeth e o leitor serão convidados a revisitar. O próprio romance também é investido de recursividade: quando Elizabeth relê a carta de Darcy no Capítulo 13 do Volume II (Capítulo 36), o leitor também se sente instado a revisitar a missiva. Reconciliados e unidos como casal, Elizabeth e Darcy “refletem” sobre a carta “como parceiros de leitura” (Wolfson, 2009, p. 119).

No baile de Netherfield, Elizabeth distorce a noção de identificação para punir Darcy pelas transgressões que lhe atribui em relação a Wickham e para provocá-lo pela inconsistência: tendo-a rejeitado indiretamente no baile anterior, o proprietário de terras agora a convida para dançar:

— Ambos — respondeu Elizabeth, travessa. — Pois sempre vi uma similaridade no curso de nossos pensamentos. Nós dois temos um temperamento antissocial e taciturno, indisposto a falar, a menos que esperemos dizer algo que encante a sala inteira, e que conquiste a posteridade com toda a pompa de um provérbio (Austen, 2022, p. 129).

Como aponta Howard S. Babb em *Jane Austen’s Novels: The Fabric of Dialogue* (1962), Darcy é paciente diante da impertinência de Elizabeth. Primeiramente, reconhece a intenção de ofendê-lo, apontando que tal descrição não se assemelha ao caráter de Elizabeth, embora “a senhorita sem dúvida a julg[ue] um retrato fiel” do dele (Austen, 2022, p. 129). Ainda assim, Darcy procura sobrescrever a performance adversarial de Elizabeth ao sugerir um território comum entre os dois. Ele tenta, por meio da conversa, inscrever a possibilidade de semelhança entre suas personalidades em uma relação até então protocolar e, nesta ocasião, hostil.

Babb destaca o que há de inconsciente na escolha de Elizabeth de manter-se firme em sua performance, postura com a qual pretende não apenas expressar

apoio a Wickham, mas opor seu caráter ao de Darcy: “ela permanece alheia durante o resto da cena, representando despreocupadamente o que pensa dele, enquanto ignora o que ele revela de si mesmo” (Babb, 1962, p. 136). A falha de Elizabeth em enxergar a semelhança entre si e Darcy é uma das linhas narrativas que culminam no entendimento final entre os dois, tomando a forma, após a leitura da carta, de mortificação, e, por fim, de reconhecimento: “Eu nunca me conheci de verdade até este momento” (Austen 2022, p. 263), ela declara, atônita, após ser “mortificada” pela narrativa de Darcy que revela não apenas o verdadeiro caráter de Wickham, mas sugere a ela novas perspectivas acerca da própria família. Elizabeth inicia seu processo de releitura do meio social.

A dinâmica de desencontro e aproximação tem um de seus momentos mais significativos na cena em que Elizabeth confronta Darcy enquanto toca piano para Lady Catherine em Rosings. Ali, performance e diálogo são mobilizados como instrumentos de tensão e, simultaneamente, de abertura. Conforme analisa Babb (1962), Elizabeth e Darcy conversam sob o disfarce da execução musical, mas a disputa retórica que se trava ali ultrapassa o piano e alcança o campo do afeto e do reconhecimento. Darcy, ao recusar o confronto direto e optar por interpretar as provocações de Elizabeth como sinais de uma equivalência possível – “We neither of us perform to strangers” (Austen, 1894, p. 221)³ – procura instaurar um código íntimo, transformando o embate em convite. A performance deixaria de ser apenas máscara ou defesa para se tornar, no modo como Darcy reinscreve o termo, um modo de ser visto e ouvido de maneira privilegiada: a oferta de um espaço relacional em que ambos possam se reconhecer e ser reconhecidos. Se Elizabeth ainda está presa à leitura adversarial da cena, sua insistência em sustentar o papel de antagonista já opera, paradoxalmente, como reconhecimento implícito da presença do outro e de seu impacto emocional. Trata-se de um primeiro movimento, ainda inconsciente, em direção àquilo que só se tornará explícito após a mortificação: a descoberta de que o autoconhecimento requer a adesão a uma ética relacional.

Da mortificação ao reconhecimento: a erótica do constrangimento

Mary Ann O’Farrell (1994) identifica uma “erótica do constrangimento” (*erotics of embarrassment*) em *Orgulho e Preconceito*, codificada na relação entre Darcy e Elizabeth como uma mortificação que “pode vir a ser experimentada como mútua — uma dança a dois” (O’Farrell, 1994, p. 133). Assim, Elizabeth é “mortificada” pelo comentário desabonador de Darcy no baile de Meryton, que fere seu orgulho, mas também mortifica o orgulho do parceiro ao recusar a proposta de casamento dele apontando a falta de cortesia e de cavalheirismo presentes na

³ “Nenhum de nós dois se apresenta para estranhos.” (Austen, 2022, p. 225). Optou-se por manter o texto em inglês no corpo do trabalho pela relevância do termo *performance* para o argumento.

forma do pedido. É também por meio da “mortificação” que os dois finalmente se encontram em posições equivalentes, possibilitando seu entendimento:

Assim como Elizabeth é conclusivamente mortificada — provada errada pela “mortificante [...] repreensão” da carta de Darcy (209) — e levada, por meio dessa mortificação, a ser capaz de amá-lo, Darcy é, por sua vez, conclusivamente mortificado pela repreensão de Elizabeth de que ele não tem sido o cavalheiro que acreditava ser (O’Farrell, 1994, p. 133–134).

Para Wolfson, mortificação é uma palavra-chave que Austen emprega para nomear “a morte da autoestima e do crédito social, a agonia do orgulho” (2009, p. 118), e a releitura mais disciplinada da carta de Darcy educa Elizabeth em relação aos próprios sentimentos e percepções. Sem a influência direta da comunidade, ela é forçada a tirar e questionar suas próprias conclusões. Entendemos assim que “os momentos em que as personagens experimentam a mortificação são aqueles em que são forçadas a reconhecer a si mesmas nas reinterpretações de suas próprias imagens” (O’Farrell, 1994, p. 134). Isto é, ao se tornarem “objetos das narrativas um do outro” (O’Farrell, 1994, p. 134), Darcy e Elizabeth não apenas se desiludem das noções que nutriam sobre si mesmos, mas também se tornam leitores mais competentes um do outro e do seu meio social.

Isso nos leva de volta à epifania de Elizabeth em relação a não ter se conhecido de fato até a leitura da carta (Austen 2022, p. 263). O reconhecimento se dá pela leitura e, mais importante, pela leitura da narrativa que Darcy tem a apresentar a respeito de Elizabeth e de sua família. Que ela torne capaz de se enxergar pelos olhos de Darcy a esta altura é relevante pois é somente por meio dessa sujeição à narrativa que Elizabeth se posicionará de modo a vislumbrar outras possibilidades imaginadas por Darcy para ela, como a posição de senhora de Pemberley. Se Elizabeth se encanta por Darcy a essa altura, isso acontece porque ela se vê capaz de subscrever a uma versão da realidade narrada por ele. É neste sentido que *Orgulho e Preconceito* se impõe como um romance sobre leitura e sobre o ato de narrar.

Ao analisar o reconhecimento por meio da leitura literária, Rita Felski propõe que o fenômeno se dá a partir de uma espécie de curto-circuito na natureza mediada da narrativa, com os afetos do leitor sendo capturados pelas construções textuais que os simulam ou reconstróem. Para Felski, a experiência de reconhecer a si mesmo em um livro é “absolutamente banal e singularmente misteriosa” (2008, p. 23):

Enquanto viro uma página, sou detido por uma descrição envolvente, uma constelação de eventos, uma conversa entre personagens, um monólogo interior. De repente e sem aviso, um lampejo de conexão salta através do abismo entre texto e leitor; uma afinidade ou sintonia vem à luz. Posso estar buscando por esse momento, ou posso tropeçar nele ao acaso, surpreendido pela clarividência

de uma certa combinação de palavras. Em ambos os casos, sinto-me interpelado, convocado, chamado a prestar contas: não posso deixar de ver vestígios de mim mesmo nas páginas que leio. Indiscutivelmente, algo mudou; minha perspectiva se deslocou; vejo algo que antes não via (Felski, 2008, p. 23).

Proponho, assim, pensando com Felski e Wolfson, que este romance que negocia com o mercado de casamentos e com o mercado editorial encena a partir do seu casal protagonista o tipo de relação de reconhecimento que espera produzir em seu leitor. Como explicar, no entanto, o reconhecimento que Elizabeth pensa sentir diante da narrativa de Wickham, uma narrativa cujas rachaduras ela somente localiza com clareza após a correção possibilitada pela carta de Darcy? No vínculo precário entre Wickham e Elizabeth, gerado não pela congenialidade genuína, mas por um desfeto em comum, Elizabeth é movida pelas mesmas energias da comunidade que declaram Wickham virtuoso e Darcy orgulhoso. Trata-se do impulso não apenas das primeiras impressões que Austen critica neste romance, mas de primeiras impressões mediadas pelo olhar alheio.

É somente quando Elizabeth se consolida enquanto uma leitora autônoma de caracteres e sustenta o conhecimento adquirido em solidão que ela se judiciosa em seu discernimento. Assim como a leitura crítica que ela faz de Darcy inspira as mudanças nos modos dele que nos são reveladas no reencontro do casal em Pemberley, a leitura que ele proporciona a ela revela a Elizabeth algo como uma semelhança antes não percebida por ela, imersa como estava em antipatia e defensividade. A relação com Wickham surge, afinal de contas, como um evento de *misrecognition* (reconhecimento equivocado), tal como proposto por Felski, que destaca a “ubiquidade da má percepção e da falsa apreensão” (Felski, 2008, p. 28) nos romances de Jane Austen.

Ademais, se aceitarmos que Jane Austen duplica a relação de Elizabeth com Darcy na relação de seu leitor com o romance *Orgulho e Preconceito*, também nós somos convidados a simpatizar com o jovem militar injustiçado pelo proprietário de terras supostamente frio e insensível. Os erros de Elizabeth são também os equívocos que Austen convida seu leitor a cometer. Durante a conversa que se desenrola durante a dança que o casal protagonista compartilha no baile de Netherfield, Austen focaliza o expediente da tensão entre aparência e essência, comunidade e responsabilidade pessoal ao tornar Darcy consciente de que uma leitura baseada nos rumores que circulam em Meryton certamente não o apresentariam como um parceiro desejável a Elizabeth. Ele faz um apelo direto para que ela não procure delinear seu caráter então, mas Elizabeth se recusa a ceder. Duckworth propõe que Darcy reconhece que ambos os relatos que chegaram até Elizabeth – aqueles veiculados pela comunidade de Meryton e os produzidos por Wickham – formariam um retrato parcial a partir de uma perspectiva limitada: “o verdadeiro caráter de Darcy não pode ser imediatamente deduzido, como o de Wickham foi por Elizabeth, a partir das aparências externas.”

(Duckworth, 2020, p. 122). Da mesma forma como Darcy é retratado como um escritor lento ao elaborar suas cartas para Georgiana, a leitura bem articulada de seu caráter demanda tempo e critério.

Os gestos de leitura e de desenhos de caráter confluem aqui para simbolizar o processo pelo qual o protagonista se torna uma figura de fato cognoscível para Elizabeth. Se o retrato que ela aceitara de Wickham e da comunidade era parcial e distorcido, a trama do terceiro volume – que se segue ao anúncio da viagem de Elizabeth com os Gardiner – a confronta com diversos retratos mais fidedignos do senhor de Pemberley. Se aceitarmos a carta como o primeiro deles, um autorretrato delineado para fins de autojustificação, a jornada de Elizabeth com os tios a Derbyshire revela outras perspectivas que adicionam camadas que sobrescrevem, por fim, a leitura inicial equivocada.

Claudia Johnson destaca como ponto de virada da relação entre Darcy e Elizabeth a contemplação, por ela, da propriedade do cavalheiro: “pronta para encontrar em Pemberley uma propriedade grandiosa, concebida expressamente para subjugar os subordinados pelo assombro, Elizabeth encontra, em vez disso, uma mansão elegantemente simples” (Johnson, 1989, p. 74). Removida da comunidade e acompanhada de familiares externos a ela, Elizabeth se vê diante de uma oportunidade rara de formar e socializar primeiras impressões pela segunda vez. Uma série de retratos é disponibilizada para a leitura cuidadosa da protagonista: a propriedade em si, os relatos positivos e generosos da sra. Reynolds, a governanta que acompanhou Darcy desde a infância e o busto do senhor de Pemberley. Essas novas impressões abrem margem para uma releitura do caráter e da figura de Darcy onde até mesmo seu orgulho parece, em grande medida, justificado. O retrato final que possibilita a Elizabeth sobreescrever de forma definitiva suas impressões iniciais se materializa na performance do homem em si. A cortesia de Darcy para com os tios burgueses de sua amada desata as inseguranças de Elizabeth em relação à recepção de seus familiares na propriedade da qual agora já ousa se imaginar senhora. A mudança de perspectiva se consolida antes mesmo que Darcy se ponha ao serviço dos Bennet ao resgatar Lydia da destituição do seio familiar e da respeitabilidade.

Alistair Duckworth destaca a relevância da visita a Pemberley enquanto “grande cena de reconhecimento” (2020, p. 122). É somente em Derbyshire, deslocada física e psicologicamente das impressões adquiridas em Meryton, que Elizabeth “passa a compreender o caráter intrinsecamente digno dele e as deficiências de sua própria visão” (2020, p. 122). A mudança de perspectiva possibilita que Elizabeth reorganize sua leitura do orgulho de Darcy e que revise o próprio, reconhecendo a validade de parte das críticas dirigidas à impropriedade do comportamento público da família Bennet.

Ao se equivocar e, na sequência, se corrigir, Elizabeth adquire algo dos modos de pensar de Darcy. Ao exclamar que até o momento da leitura da carta, ela não se conhecera, Elizabeth exercita a noção de que:

A capacidade de autoconsciência — de tomar a si mesmo como objeto do próprio pensamento — só se torna possível através de um encontro com a alteridade. O reconhecimento, portanto, pressupõe a diferença em vez de excluí-la, constituindo uma condição fundamental para a formação da identidade. Na medida em que o eu se forma por meio da relação com os outros, autoconhecimento e reconhecimento estão intimamente entrelaçados. (Felski 2008, p. 30–31)

Esta absorção da retórica de Darcy por Elizabeth é reiterada por Duckworth, que destaca as cartas como “o indicador mais constante de Jane Austen quanto à responsabilidade pessoal” (Duckworth, 2020, p. 130). O pesquisador (2020, p. 117) propõe que a questão central subjacente a *Orgulho e Preconceito* é a maneira como, em um mundo marcado pela distância entre pessoas e entre classes, aproximações podem ser negociadas. Essa leitura ressoa na análise de Susan Morgan (Morgan apud Phelan, 1989, p. 45) de que o cerne do romance está na relação entre liberdade e inteligência, ou, mais precisamente, entre envolvimento e percepção. O deslocamento de Elizabeth exercita justamente esse movimento de abertura e reciprocidade. Tal aprendizado remove a protagonista de uma postura distanciada de observadora para aderir a uma forma de conhecimento fundada na participação e na conexão, ecoando, no plano ético e social, a reconciliação entre perspectivas e posições distintas que culminam em sua união com Darcy.

Considerações finais

A arquitetura afetiva de *Orgulho e Preconceito* foi, como aponta Claudia Johnson (1989), frequentemente lida como conservadora por conta de seu compromisso com a felicidade e o *wish fulfilment* tanto de sua protagonista quanto de seu leitor. No entanto, é justamente a submissão da propriedade ao desejo que desestabiliza os mitos conservadores com os quais o romance negocia. Se a transformação de Elizabeth consiste em se tornar capaz de reconhecer, acolher e reelaborar o discurso do outro não como submissão, mas como exercício de autoconhecimento mediado pela alteridade, então a arquitetura afetiva de *Orgulho e Preconceito* se revela inseparável de seu gesto político. O romance reconfigura mitos conservadores por meio do afeto e da responsabilidade social. A autoridade patriarcal representada por Darcy, longe de permanecer intacta, é submetida à prova da emoção, do vínculo e do desejo, e só se legitima ao se mostrar permeável à crítica e ao afeto. Reformas não se dão pela ruptura, mas pela redistribuição dos termos afetivos que sustentam a autoridade. Nesse processo, prazer, responsabilidade e poder deixam de ser categorias antagônicas.

Longe de servir como fantasia que afirma uma ordem hierárquica feudal e patriarcal, *Orgulho e Preconceito* imagina uma forma de mudança mais gradual,

íntima e retórica, baseada na circulação de afetos e na reeducação das sensibilidades. Austen não propõe uma revolução institucional, mas especula sobre como as estruturas existentes podem ser transformadas a partir de dentro, quando os sujeitos aprendem a escutar, reconhecer e se deixar afetar pelo outro. A reconciliação final entre Elizabeth e Darcy, portanto, não simboliza a recomendação do *status quo*, mas a possibilidade de um novo tipo de relação dentro da velha ordem: uma autoridade que se legitima não pela imposição, mas pela abertura ao diálogo e pela capacidade de ser transformada. Como aponta Duckworth (2020, p. 132), o casamento de Elizabeth e Darcy possibilita que as três classes deste mundo ficcional -aristocracia, pequena nobreza e comércio – se encontrem em Derbyshire. Aqui localizamos o gesto radical do romance: mostrar que o terreno do afeto pode ser também o terreno da reforma que possibilita que as sombras de Pemberley sejam “poluídas” não apenas por Elizabeth Bennet, mas também por seus tios comerciantes e a irmã que fez um casamento imprudente.

BRIGIDA, M. Between Rereading and Conversation: The Affective Architecture of *Pride and Prejudice*. *Itinerários*, Araraquara, n. 62, p. 131-142, jan./jun. 2026.

■ **ABSTRACT:** *This article examines the “affective architecture” of Jane Austen’s Pride and Prejudice (1813), articulating how the formation of the bond between Elizabeth Bennet and Fitzwilliam Darcy is constructed through the circulation of affects, rereading, and mutual recognition. Drawing on affect theories, it discusses how first impressions, communal emotions, and shared judgments structure the novel’s emotional economy and shape Elizabeth’s perception. Darcy’s letter marks a turning point: upon being “mortified,” Elizabeth shifts from a passive reader of the community’s opinions to an autonomous interpreter of characters and situations. The article also explores, with Susan J. Wolfson and Rita Felski, the aesthetic centrality of rereading, demonstrating how Austen stages within the protagonists’ dynamic the very interpretive gesture she demands of her reader. Recognition, both between characters and between reader and text, emerges as a transformative practice capable of reconfiguring worldviews. Finally, the article argues that the novel articulates a subtle reformist imagination in which affects and conversation displace hierarchies, opening space for relationships that reconcile desire, responsibility, and the reconfiguration of social structures.*

■ **KEYWORDS:** Jane Austen. Affect Theory. *Pride and Prejudice*. Recognition.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. 1. ed. Edinburgh/London: Edinburgh University Press / Routledge, 2004.
- AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. London: London George Allen, 1894.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução: Carol Chiovatto. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022. Kindle Edition.
- BABB, Howard S. **Jane Austen's novels: the fabric of dialogue**. Columbus, OH: Ohio State University Press, 1962.
- BUTLER, Marilyn. **Jane Austen and the war of ideas**. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- DERESIEWICZ, William. Community and cognition in "Pride and Prejudice". **ELH**, Baltimore, v. 64, n. 2, p. 503-535, 1997.
- DUCKWORTH, Alistair M. **The improvement of the estate: a study of Jane Austen's novels**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2020.
- FELSKI, Rita. **The uses of literature**. Oxford: Blackwell, 2008.
- HUME, David. **The philosophical works: A treatise of human nature and dialogues concerning natural religion**. v. 2. London: Scientia Verlag Aalen, 1964.
- JOHNSON, Claudia L. **Jane Austen: women, politics, and the novel**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- O'FARRELL, Mary Ann. Austen's blush. **NOVEL: A Forum on Fiction**, Durham, NC, v. 27, n. 2, p. 125-139, Winter 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1345817>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- PHELAN, James. **Reading people, reading plots: character, progression, and the interpretation of narrative**. Chicago; Londres: University of Chicago Press, 1989.
- WOLFSON, Susan J. Re: Reading Pride and Prejudice: "What think you of books?". In: JOHNSON, Claudia L.; TUIITE, Clara (org.). **A companion to Jane Austen**. Chichester: Blackwell, 2009. p. 112-122.

